

Andrea Vigna veio para o Brasil (com 22 anos em 1891), contratado por uma Companhia Francesa de Estradas de Ferro para trabalhar como pedreiro, que era sua profissão, na construção das estações. Portanto, ele não veio como imigrante, porém como contratado para trabalhar na referida companhia francesa, a qual estava construindo a Linha Mogiana de trens. Ele chegou ao Porto de Santos no Vapor Ducca di Galliera, em 29/05/1891, conforme certidão de desembarque nº 01228/89 e 8.296/06.

Cinco meses depois chegava ao Brasil Carlo Vigna.

Carlo Vigna, casado na Itália com Palmira Lodi Rizzini, morava na Itália às margens do Rio Pó, na Vila Pasquali, comuna de Sabbioneta, Província de Mantova. Chegaram ao Brasil e desembarcaram do navio Ducca di Galliera no Porto de Santos em 29/10/1891, conforme certidão de desembarque número 567/97 e 8.295/06. Vieram com eles os filhos (consta do doc de desembarque):

1-Luiz (Luigi) - com 14 anos

2-Angelo (Romão) - com 9 anos

3- No registro do memorial do Imigrante consta que em 03/10/1892 o filho Júlio (Giulio - Julinho) veio com a esposa Alma e os filhos, Ermínia, Ângelo (Angelim), Giulia e Mário (Br; Marco na Itália)

4-José e a esposa Riquilda, vieram com os filhos Aristide, Dirce e Jorge

5-Enrico

6-Vittorio

Ficou na Itália sua única filha Zelinda, pois já estava casada com Aníbal, o qual era irmão da Alma, esposa do Júlio.

Na Itália cultivavam uva, e tinham uma junta de bois para ajudá-los nas lidas da lavoura. Certa ocasião as águas do rio Pó subiram muito devido às chuvas, 3 gansos enormes e gordos perdidos vieram nadando pelo rio e pararam nas terras do Carlo. Sua esposa Palmira os matou, e lhes renderam muita carne e gordura.

Odorico e Luiz trabalharam em São Paulo.

Segundo Armindo (Armindo Leandro Vinha - filho de Luigi “Bigio”), o André (Andrea Giovanni) Vigna foi trabalhar no trecho da Estrada de Ferro que iria ligar Casa Branca até Guaxupé, em Minas Gerais. Depois de Casa Branca foi trabalhar em Itobi, onde conheceu a que viria a ser sua esposa, Izabel Monchini, italiana de Nápoli, família de padeiros, filha de Francisco Monchini e Rosa Sabbatini, cujos irmãos eram Andrea, Jacomina e Miguel. Continuando a construção da estrada de ferro, depois de Itobi, vêm as estações de Engenheiro Rome, São José do Rio Pardo e Ribeirão do Vale, de onde partiu um ramal, o qual chegou até Canoas já na divisa com o Estado de Minas Gerais, tendo as estações de Engenheiro Gomide, Comandante Guimarães, Mococa e finalmente Canoas. Segundo o Armindo, que era filho do Luís, logo neto do Carlo, seu pai também trabalhou na construção da estação Engenheiro Rome. Não sabemos quando o André se desligou da Cia. da Estrada de Ferro, mas o mesmo casou-se em Casa Branca no dia 20/9/1893. Achamos que ele e a esposa continuaram morando pela redondeza, pois o primeiro filho Artibano foi registrado no Cartório de Registro Civil de Casa Branca. Depois foram para a Fazenda Borda da Mata, na Quebra Cuia, gerenciar a fazenda, onde permaneceram até (vamos ver se a tia Leonilda se lembra), mas deve ser 1927 ou 1928.

Carlo Vigna e a esposa Palmira, com os filhos, quando chegaram da Itália, moraram uns tempos em São Paulo no Bairro do Cambuci, na Rua dos Pescadores, n° 24. Aí começou a guerra e veio uma carta da Itália, da Zelinda. Aníbal, seu esposo, era comissário de pesca na cidade de Garda ou Dissoura, só registrei isso, não sei o que aconteceu a eles.

A cada quinze dias André Vigna, que estava trabalhando na Estrada de Ferro, vinha para São Paulo a fim de visitar a família.

Depois, o filho Júlio comprou 5 alqueires de terra em Vargem Grande. O irmão José era casado e trouxe também 3 filhos da Itália, que eram Aristide, Dirce e Jorge.

Outro irmão José, cujo apelido era Pin, era oleiro, passou no Bairro do Bom Retiro, em São Paulo, e viu uma olaria. Permaneceu trabalhando em São Paulo, nessa olaria. A estrada de ferro chegou em Itaiquara. O Carlo, a esposa Palmira e os filhos, Júlio, Odorico, Luiz (que ainda era solteiro) e Vitório, foram para Itaiquara. Mais tarde o Pin também foi embora para o município de Mococa e Caconde.

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/i/itaiquara.htm>

Terminada a estrada, começaram a construir o engenho de Itaiquara, o qual foi todo construído pela família Vigna. Carlo Vigna foi morar com a família na Fazenda São Francisco, também conhecida por Fazenda Muranga, a um quilômetro e meio de Itaiquara.

Ângelo, apelidado de Romão, era o filho caçula, foi para a fazenda do Dr. Augusto Barreto e Francisco Barreto. Depois passaram a fazer terreiros de café para os fazendeiros da região. A Quebra Cuia ficava distante 50 km de Itaiquara. Júlio saiu da Fazenda Muranga e foi morar próximo da casa do pai dele, a mais ou menos um km de distância, onde Alma, sua esposa, morreu de parto da filha Maria.

(Aurora, filha de Maria, mora perto do Ceagesp).

Em 1.917, Carlos Vigna e família mudaram-se da Fazenda Muranga para outra fazenda próxima, denominada Quilombinho, numa casa de 14 cômodos.

Então a finalidade da casa era abrigar o filho Júlio, viúvo, com 8 filhos, pois passaram a morar junto com os pais Carlo e Palmira.

Os filhos Vittorio e Luiz eram, como disse o Armindo, "de pavio curto". Por qualquer contrariedade deixavam o serviço.

Em 1.914 foram para o engenho de Itaiquara e a primeira cana que plantaram em 1909 era para suprir o referido engenho, que construíram.

Os filhos do Luiz foram estudar no Grupo Escolar Barão de Monte Santo, em Mococa.

Elvira (mulher de Vittorio) lia o jornal "Fanfula" para os sogros Carlo e Palmira. Luiz, pai de Armindo, foi trabalhar como marceneiro em Mococa, onde Artibano também aprendia a profissão. Estavam construindo a Igreja do Rosário, na Praça de Mococa. Artibano ajudou a construí-la e ajudou também a construir o novo cemitério. Luiz foi trabalhar em 1.915 na construção do túmulo do Barão de Monte Santo, no novo cemitério. Trabalhou apenas 2 meses e foi para a fazenda, nessa altura Artibano foi para a fazenda morar com eles. Almino, cujo apelido era Armindo, não quis ir para a escola em Mococa, o pai

mandou-o para a fazenda com o André Vigna e pedindo para dar um coro nele para que ele voltasse para a escola de Mococa. Ele ficou dois meses e disse que foram dois meses duros e voltou para a escola. Em 1.917 falecia em Itaiquara a Palmira, a qual foi sepultada em Mococa. Nesse dia do falecimento o Zequinha, que era casado com a filha de Júlio, passou na fazenda de Itaiquara para ir ao enterro e foi juntamente com Artibano e Nino Maiorani.

O Carlo Vigna, seu esposo, foi morar junto com o filho André Vigna e faleceu em 1.920.

Izabel Monchini tinha um irmão em São Paulo, que ficou viúvo e mandou a filha Rosa morar com a Izabel Monchini e foi montada uma fábrica de macarrão em Mococa para esse irmão viúvo, mas não deu certo porque ele bebia muito.

Altibano casou-se com Ana, que era filha da irmã da Izabel Monchini. Portanto, eram primos.

Romão era o caçula dos filhos, padrinho de batismo do Nelo, morava na Fazenda Quebra Cuia, trabalhava de oleiro, casado com Emília e os filhos eram Carlinho (Carlos), Tante (Fioravante), e Floriano.

Pin era oleiro da Fazenda João Gomes, que ficava na Quebra Cuia.

Pin era muito briguento e rolista. Certa vez emprestou meio carro de milho de André Vigna e prometeu devolver um carro de milho, mas só deu o meio carro que havia emprestado.

A esposa dele era muito brava.

Romão era muito danado. Largou a esposa Emília e fugiu com a filha do amassador de barro e foi para a fazenda dos Medeiros.

André Vigna mandou o irmão Vittorio buscar a filha, que já estava com ele em Passos de Minas.

Júlio Vigna era o irmão mais velho do André Vigna.

A filha do João Lissoni casou-se com Angelim Vigna e foi morar em Tarabai. Depois foram para o Paraná.

A mãe da Izabel Monchini chamava-se Rosa, e o pai, Francisco. Ela também morreu na casa de Izabel e André, na fazenda Borda da Mata.

Marina e Belinha (filhas da tia Leonilda), por favor, veja o que sua mãe se lembra, acrescente, corrija as informações erradas, e me mande de volta para eu fazer o histórico.

As informações me foram passadas pelo Armindo. Falta acrescentar a saída deles da Fazenda de Mococa. Segundo tio Nelo primeiro foram os tios Alcides e Alexandre, mas voltaram. Depois foram meus pais (tio Perido e Josefa) e não sei mais quem, para o Córrego Azul. Se possível, pode descrever como foi a saída, a viagem, a chegada e a nova morada no Córrego Azul. Os vizinhos que encontraram. Os casamentos dos filhos que ainda estavam solteiros. Tia Valéria já namorava tio Guilherme, por ocasião da mudança? Ele veio junto com ela ou depois?